



O amor e seu lugar na linguagem: educabilidade e ciência nos caminhos de Paulo Freire e Humberto Maturana

 Arilu Cavalcante Pequeno*
 Luiz Gonzaga Gonçalves**

Resumo: Este artigo tem por objetivo situar o lugar do amor e da linguagem no patrimônio latino-americano da educação de adultos e da educação em geral, concebidos pelo educador Paulo Freire e pelo neurocientista Humberto Maturana, tendo como ponto de partida a década de 1960. Com isso, o estudo participa da celebração do ano do centenário do nascimento de Paulo Freire e da partida de Humberto Maturana, que nos deixou com seus marcantes 92 anos de existência. Maturana e Freire propuseram o amor como caminho para a linguagem e o entendimento humanos, para uma educação em círculos culturais, como espaços humanos para fortalecer a experiência vital de conviver e de promover a igualdade social.

Palavras-chave: Educação, amor, linguagem, experiência de conviver.

Love and its place in language: educability and science in the paths of Paulo Freire and Humberto Maturana

Abstract: This article aims to situate the place of love and language in the Latin American heritage of adult education and education in general, conceived by educator Paulo Freire and neuroscientist Humberto Maturana, taking the 1960s as a starting point. With this, the study participates in the celebration of the centenary year of Paulo Freire's birth and the departure of Humberto Maturana, who left us with his remarkable 92 years of existence. Maturana and Freire proposed love as a path to human language and understanding, to education in cultural circles, as human spaces to strengthen the vital experience of living together and promoting social equality.

Keywords: Education, love, language, experience of living together.

* Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação Básica da UFPB. E-mail: arilu.cavalcante@academico.ufpb.br

** Doutor em Educação. Professor voluntário do Departamento de Fundamentos da Educação da UFPB. Membro da Linha de pesquisa Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. E-mail: luggoncalves@uol.com.br



Introdução

O presente texto segue em direção a um horizonte sócio educacional inserido no patrimônio da educação de adultos e da educação em geral, concebido por Paulo Freire, e no patrimônio educacional da biologia do conhecimento, apresentado por Humberto Maturana. São legados latino-americanos, com pontos de partida na década de 1960, capazes de indicar pedagógica e cientificamente que viver e conhecer são indissociáveis e intransferíveis. Sendo assim, as fontes do amor humano fizeram emergir a linguagem. Uma busca de entendimento cultivada entre humanos gestou a linguagem, o que testemunha, por milênios, que estar juntos, agir e pensar juntos configuram o modo humano de conceber mundos mais complexos e abertos ao inédito.

As contribuições do pensamento educacional de Paulo Freire e da educabilidade que deriva da biologia do conhecimento do neurocientista Humberto Maturana são muito importantes neste 2021, ano do centenário de nascimento de Paulo Freire e, também, da perda de Humberto Maturana que, em maio nos deixou, com seus marcantes 92 anos.

Como já antecipado, vamos nos ocupar aqui especialmente de dois conceitos-chave que estão na base da construção geral do pensamento de Maturana e de Paulo Freire: amor e linguagem. O leitor deve ser alertado de que os autores seguiram suas buscas por caminhos e fundamentações próprias, mais próximas de seu campo de investigação e prática social.

Mas, afinal, como localizar o amor na sociabilidade humana e escapar das imprecisões semânticas? Nas palavras de Maturana (2009: 67), o amor “é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigência”. Como lugar de partida, amor aqui não se reduz a sentimento, que opera com efeitos para dentro da pessoa, é uma disposição interior para a ação, para externar uma disposição interna de interagir e aceitar o outro como parte de um grupo.

Dessa forma, podemos dizer que, em nossa condição humana, somos seres com aptidão para o amor, por temos biologicamente, visceralmente, a capacidade de relacionamento e convivência. Somos seres disponíveis para a sociabilidade, não importa a etapa que cada pessoa está vivendo do ponto de vista cronológico.

Próximo a isso, Paulo Freire defende que no caminho do aprender há um percurso do amor, que se dá por meio dialógico entre homens e mulheres, sendo assim, “não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos humanos. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (Freire, 2005: 79-80). Mulheres e homens, pelo diálogo amoroso, coparticipam da gestação de um mundo mais acolhedor.

Maturana (2001: 130) compreende que a linguagem acontece “quando duas ou mais pessoas em interações recorrentes operam através de suas interações numa rede de coordenações cruzadas, recursivas, consensuais de coordenações consensuais de ações [...]”. O autor quer nos mostrar que a linguagem da qual ele fala é aquela na qual assumimos nossas posições comunicantes onde importam os resultados, as ações que alimentam nossos esforços de estar juntos e de prosperar. Para Maturana (2001: 130), “tudo o que nós seres humanos fazemos, fazemos em nossa operação em tal rede como diferentes maneiras de nela funcionar”.

Para que a humanidade se construa e prospere na linguagem, o mais importante é construir pontes para um entendimento da posição do outro. Isso, para o autor, gera uma emoção fundamental: “o amar é a única emoção que expande o olhar em todas as dimensões relacionais e amplia o ver, o ouvir, o tocar” (Maturana, 2009: 86). Então, “**a aceitação do outro junto a nós**, na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social” e que “sem a aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade” (Maturana, 2001: 269, grifos do autor).

Paulo Freire, em uma perspectiva política e educacional, também entende que a existência humana não é para ser muda ou silenciosa, ou para nutrir-se de falsas palavras, de falsas notícias, como se vê nos grandes espaços de comunicação a distância. Para ele, são com as palavras verdadeiras que os seres humanos transformam o mundo, palavras que não se dissociam das coisas ditas. Literalmente, para o autor: “existir, humanamente, é **pronunciar** o mundo, é modificá-lo. O mundo **pronunciado**, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos **pronunciantes**, a exigir deles novo **pronunciar**” (Freire, 1981: 92, grifos do autor).

O amor como aspecto fundamental que promove a vida e que nos mobiliza para o aprender instaura o educar como expressão do amar. Nesse caso, educar deixa de se reduzir a instruir, formar o outro, torna-se muito mais uma disposição dialogal para fazer emergir naquele ou naquela que aprende o que este ou esta possui de mais evoluído em suas disposições de ação entre seres humanos. Iniciamos nossa investigação a partir das aproximações entre Paulo Freire e Humberto Maturana com a intenção de apontar para uma visão sistêmica, que indica que somos comunidades de destino, companheiros e companheiras dessa jornada comum chamada vida. Importa tomar consciência de que as relações com o outro e no mundo têm sua origem no amor, como fenômeno natural da condição humana de criar entendimento mútuo e sobre as coisas do mundo e, portanto, entrar em um caminho para uma educação criativa, baseada na igualdade e na justiça social.

Paulo Freire e Humberto Maturana: o amor e a educabilidade como desafios

Paulo Freire foi um educador que fez uma trajetória forte e, ao mesmo tempo, amorosa, percebida em seus enunciados, em seus escritos e práticas. Seu legado é pautado na ideia de que as relações com o outro têm sentido quando a força da ação coletiva, a força dos círculos de cultura possibilita aos sujeitos aprenderem juntos, considerando suas diferenças. Para ele, não há

quem sabe tudo e quando não se sabe algo há sempre uma oportunidade de aprendizagem. Como evidenciou Charlot (2000), nascer já é estar obrigado a aprender. O cuidado com uma docência amorosa e dialogal foi um marco no percurso de Freire.

Morin (2003: 78) nos auxilia quanto a essa ideia do conviver, ao indicar que a “relação com o outro está na origem”, aspecto que acontece porque nascemos seres relacionais. O nascimento humano faz emergir uma profunda relação com o outro no mundo para estar à altura deste. A convivência amorosa colocada por Freire contribui para a ideia de perceber o amor como caminho do educar e, portanto, para a efetivação de uma educação mais em círculo do que vertical:

[...] é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica (Freire, 1998: 11).

Essa nossa postura curiosa e aberta como agentes sócio-histórico-culturais só é possível porque temos o amor como fenômeno biológico (Maturana, 2009). Maturana (2009) evitava opor o biológico ao não-biológico, tratado como cultural ou social. Não trabalhava com o termo sujeito, optando pelo termo “observador”, mais adequado ao fenômeno biológico complexo que pretendia evidenciar. Assim, o amor é o cultivo da capacidade de perceber, de conviver e de se relacionar com o outro de forma humanizada e respeitosa. Nessa lógica, Maturana (2009: 22) explica: “o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência”. São nas relações que nós, humanos, aprendemos a capacidade de amar, que é característica inerente à nossa condição humana, porque nós “existimos num domínio relacional que constitui nosso espaço psíquico como o âmbito operacional no qual todo o nosso viver biológico, toda a nossa fisiologia, fazem sentido como forma de viver humano” (Maturana, 2004: 23).

Em ressonância com as ideias de Maturana, o educador Paulo Freire sinalizava que o processo de educar se dá com “gente” e, por essa razão, essa relação necessita acontecer de maneira amorosa:

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, do outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recursar a minha atenção delicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (Freire, 1998: 163).

Vivenciar espaços amorosos, como indica Freire, requer na educação entender até o onde o educando, a educanda, chegou com sua forma de compreender o mundo, jamais aceitar o jogo da negação do outro. Maturana (2014) nos lembrava que a efetivação da relação com o outro acontece nos sistemas sociais, que para ele são sistemas de convivência constituídos sob a emoção do amor, ou seja, espaços de ações de aceitação do outro na convivência. Aqui somos remetidos à ideia de que nas relações de poder, hierarquia e competição, o amor não se faz presente, não se efetiva. Fora da condição de aceitar o outro como legítimo outro, os ruídos vão interferir na emoção, com possibilidades de abrir espaços para ações de autonegação e negação do outro, na lógica negativa da submissão, da ordem imposta e da obediência, negadoras do que há de mais evoluído do humano.

Uma docência no caminho do amor está disponível a uma educação em círculos dialogais, na qual é possível falar e ouvir, falar e ser ouvido, com ética e amorosidade no ato de dialogar, já que, por natureza, somos “dialogantes humanos” (Assmann, 2000: 256). Em uma sociedade em que predominam os sistemas de hierarquia e negação do outro, formas de poder e de dominação tendem a negar ao ser humano viver o potencial genético do amor, da entrega e da amizade, garantindo muito mais a ambição, o ódio, a inveja, como considera Morin:

O sujeito humano está também potencialmente destinado ao amor, à entrega, à amizade, à inveja, ao ciúme, à ambição, ao ódio. Fechado sobre si mesmo ou aberto pelas forças de exclusão ou de inclusão. Existem bons e maus sujeitos,

conforme toda a gama da afetividade humana; um mesmo sujeito pode ser ora bom ora mau (Morin, 2001: 77).

O referido autor nos mostra que há uma potencialidade humana de trilhar as experiências pelo caminho do amor, da solidariedade e da entrega, ou não. O que importa é fazermos a opção construtiva e fechar nossas portas ao que diminui nossa humanidade comum, através dos sentimentos destrutivos e empobrecedores. Como seres humanos, temos a capacidade vital de perceber, sentir e viver no amor, que é um fenômeno biológico espontâneo (Maturana, 2014). Portanto, é biologicamente que experimentamos os fenômenos que nós chamamos de sociais, e que contemplamos nosso mundo e o mundo do outro a partir da reflexão na linguagem. Desde *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1981: 105-06, aspas do autor) argumentava: os seres humanos “porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um “corpo consciente”, vivem uma relação dialética sobre seus condicionamentos e sua liberdade”.

O amor é um aspecto visceral, pois não é um fenômeno biológico eventual, mas é um fenômeno biológico e social cotidiano, ou seja, incorpora ações de aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. Em outras palavras, o amor constitui o ser de cada organismo vivo e as experiências de vidas afloram por esse caminho, da aceitação do outro na convivência. Nesse caminho, “ao fundar-se no amor, na humanidade, na fé nos homens, o diálogo se faz em uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”, isso porque “seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre os sujeitos” (Freire, 2005: 94). Como destacava Paulo Freire, ninguém aqui está pensando em buscar a santificação, mas chegar “a um mínimo de seriedade na prática pedagógica”¹. Educar pelo caminho do amor significa traduzir a verdadeira generosidade humana, que é a de “lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor” (Freire, 2005: 33).

¹ Conferência de Paulo Freire sobre “As virtudes do educador”, em Juazeiro, Bahia, em 1986. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/10437>

Caminhar por uma educação do amor é possível, porque “o amor é uma tarefa do sujeito” que “implica luta contra o egoísmo” (Freire, 2013: 24). Essa luta tem sentido de mobilização, corpo engajado e consciente, tarefa que exige vários aspectos na relação consigo, com o outro e no mundo, a exemplo do diálogo e do respeito, já que “o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam” (Freire, 2013: 24). Nesse sentido, o amor faz parte da nossa corporeidade, portanto, da nossa linguagem, como indica o autor:

O amor enraíza-se em nossa corporeidade e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor precede a palavra. Mas o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, em nosso mito, que, evidentemente, pressupõe a linguagem e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem. O amor, simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra (Morin, 1998: 17).

Como somos seres sociais na linguagem, o amor acontece no processo relacional que temos com o outro, o que nos leva a entender que educar é um ato de amor. Portanto, educar “se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente de maneira que, seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro no espaço da convivência” (Maturana, 2009: 29). Estar em espaço de convivência é aspecto essencial para a efetivação de uma educação em círculos culturais. Não há como construir uma educação pelo caminho do amor quando o mais importante é a competição e a negação do outro. Maturana sinaliza que “a origem antropológica do *Homo sapiens* não se deu através da competição, mas através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor” (Maturana, 2014: 222).

A aceitação mútua que acontece por meio do amor é também traduzida no pensamento de Freire quando diz que, para acontecer uma educação dialógica, faz-se necessário que o educador não seja apenas o que educa, para além disso, é aquele que quando educa é educado, em diálogo com o educando, que se educa também nessa convivência. Assim, ambos “se

tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem” (Freire, 2005: 79, grifos do autor).

Assim, o aprender emerge da relação amorosa que o sujeito tem consigo, com o outro no mundo, por isso, apresenta uma dimensão de identidade. Charlot corrobora essa ideia ao sinalizar que “aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si aos outros” (Charlot, 2000: 72).

Em suas práticas, Freire trazia tanto o compromisso ético como também o sonho com o impossível e, assim, despertou nas pessoas a crença de mudar o mundo através da amorosidade. O educar sendo construído a partir do diálogo praticado pelo amor, como emoção que nos move na vida, uma educação em que o sujeito seja percebido pela sua complexidade da vida e pela igualdade entre as pessoas. Consideramos, com Morin (2003: 14), que “é necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos”. São compromissos humanos – e, ao mesmo tempo, pedagógicos – que superam os contextos meramente mecânicos de escolarização e de homogeneização tradicionais dos processos de ensino e aprendizagem, mobilizam-nos para os processos educacionais que transitam pelas questões vitais. São percursos de docências pautados no diálogo, na amorosidade, no compromisso, na ética, na sensibilidade de um agir pedagógico coerente com as bases antropológicas e suas coordenadas fundantes do humano. Entendemos, assim, o amor como caminho para uma educação em círculos culturais.

Nessa dinâmica, “o sentido da escola e o sentido da vida de cada um de nós estão diretamente ligados ao amor enquanto força conectiva que nos liga ao todo, ao mesmo tempo, se constitui na nossa autoafirmação” (Pellanda, 2009). A efetivação desse caminho ocorrerá na práxis, pela via da convivência e pela corporificação das palavras pelo exemplo, em que “não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê-lo” (Freire, 1998: 38). Aqui, são repelidas todas as tentativas de comunicação e de

expressão de poder a partir de falsas notícias, a partir da construção de informações baseadas na tentativa de induzir os outros ao erro.

O lugar do amor para uma educação em círculos culturais permite compreender a escola como espaço por excelência do conviver. Abre pistas para saber que esse caminho é possível e viável porque o amor é a emoção que constitui o nosso domínio de ações e de interações recorrentes com o outro, que faz do outro um legítimo outro na convivência (Maturana, 2009). Podemos afirmar que conviver é seguir por caminhos convergentes em que cada pessoa tenha para a outra o seu amor (Freire, 2013), compreendendo-se que:

No presente momento da história evolutiva a que pertencemos – que começou com a origem da linguagem, quando o estar na linguagem faz parte do modo da vida que, ao conservar-se constituiu a linhagem *Homo* a que pertencemos -Somos animais dependentes do amor. O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto (Maturana, 2009: 22).

Maturana indica que nossas origens estão no amor e, por isso, dependemos dele, aspecto que sustenta a mobilização do pensamento na direção de que o amor é a disposição, é a via para uma educação em círculos culturais. O amor como um fenômeno biológico na socialização ocorre de forma espontânea e sem justificação, sendo que a escola pode ser pensada como espaço de conviver, mesmo compreendendo que o encontro com o outro pode gerar ou não esse processo. Dizemos isso porque “o amor é um encaixe dinâmico recíproco espontâneo, um acontecimento que acontece ou não acontece” (Maturana, 2014: 220).

Aqui estamos diante de uma Educação que permite ser vivenciada a partir da condição biológica de cada sujeito, a partir do relacionar-se por meio do amor consigo, com o outro e com o mundo. Amor como “anseio biológico que nos faz aceitar a presença do outro ao nosso lado sem razão [...]”

(Maturana, 2014: 222). Esses são caminhos que significam construção e mobilização diária no espaço escolar, para que a valorização da presença do outro dentro do processo educativo se torne algo especial e cotidiano. Dito de outra forma: o amor como caminho para uma educação em círculos culturais implica a “interação entre o sentir, o pensar e o agir, a integração entre razão e emoção, o resgate entre razão e emoção, o resgate dos sentimentos como expressão de nossa verdade interior” (Moraes, 2003: 5).

Essas disponibilidades humanas sinalizam que a escola cresce ao distanciar-se da docência depositária de conteúdos estáticos e pré-definidos, que são aspectos de negação do outro como legítimo outro na convivência. A escola cresce ao criar mobilizações que deem espaço para o amor como fonte da socialização humana, ou seja, a socialização como resultado do operar no amor como apreço ao entendimento entre as pessoas (Maturana, 2014). Os sentimentos nutridos pela afetividade permitem às pessoas se identificarem umas com as outras, tornando-as, assim, “capazes de amar, de compreender e de proteger” (Possebon, 2019: 228). A educação como a arte de conviver nos ajuda a entender Freire (2013: 24) quando afirma que “não há educação sem amor. O amor implica lutar contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”.

A escola é considerada um espaço social, no entanto, acontecem nela movimentos essencialmente biológicos porque somos organismos vivos, corpos conscientes, com a capacidade natural de nos mover pelo amor. Amor que convida homens e mulheres, animais linguajantes, que existem na linguagem, nas conversações (Maturana, 2001). Fazemos nossos trajetos a partir da comunicação capaz de respeitar diversos saberes, porque “ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais” (Freire, 2013: 24).

Assmann (1998) sugere que a educação é capaz de se reinventar a partir de um reencantamento por meio da sensibilidade social, como também por meio da eficiência pedagógica, o que nos remete a perceber a legitimidade

do caminho do amor. Sendo este um “domínio das ações que tornam o outro um legítimo outro em coexistência conosco” (Maturana, 2004: 44). Sendo assim, o amor só acontece no diálogo por possibilitar uma relação em círculos culturais. Nas palavras de Freire, o diálogo:

Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de “empatia” entre ambos. Só ali há comunicação (Freire, 2013: 61).

O diálogo é entendido como expressão da atitude empática, por meio da relação construída na convivência. Comunicação amorosa que Freire nos convidava a fazer para que os espaços se tornassem lugares de comunhão entre homens e mulheres, ou seja, a efetivação da interação dialógica pela via da relação horizontal entre os sujeitos.

A escola como espaço para educar por meio do amor não se limita apenas à escolarização dos alunos, mas a uma visão complexa do sujeito, ou do observador, nas suas condições biológicas onde se inscrevem o social, o cultural, o histórico. Assim, o ser humano “não é um terceiro homem, um terceiro social e um terceiro singular, ele é totalmente humano, totalmente social, totalmente singular (100% + 100% + 100% = 100%)” (Charlot, 2005: 57). Portanto, “o “eu” da pessoa sempre se enquadra em uns “nós” (Hannoun, 1998: 122), ou seja, somos sujeitos singulares e sociais ao mesmo tempo, inseridos em determinada cultura.

Falar do amor como caminho para uma educação horizontal é falar de um bem conviver, em que a relação de afeto é parte do contrato didático. Além da relação afetiva entre educador e educando, importa o contexto adequado de aprendizagem, porque viver uma relação de afetividade, com ética e compromisso é traduzir a própria prática educativa do professor, como ressalta Freire:

E o que dizer, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por esse outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à

coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo (Freire, 1998: 159).

Nesse raciocínio, fazer a docência tendo o amor como fio condutor do processo é caminhar pelo entrelaçamento do ensinar e do aprender em comunhão. Desse modo, “o exercício de ensinar está umbilicalmente entrelaçado com a experiência de caminhar juntos, quando o aprendiz é capaz de estudar as realizações de seu mestre” (Gonçalves, 2019: 44). O papel do docente se torna um instrumento indiciário para o discente, no sentido de que “quem ensina apenas há de mostrar pistas, insinuar ritmos para a dança da linguagem” (Assmann, 1998: 71). Esse é um dos caminhos para o amor, para uma educação em círculos culturais!

Caminhar por uma docência assim significa a consciência do ser inacabado que somos e, por essa razão, todos os dias, como docentes temos a oportunidade de uma reinvenção de nosso fazer. Freire (2018: 68) diz que ensinar é algo mais complexo, porque implica “ensinar algo para alguém”, ensinar envolve uma relação entre pessoas (docentes e discentes e entre discentes) e acrescenta que “todo ato de ensinar implica no ato de aprender e os dois se juntam na compreensão mais ampla do ato de conhecer. O ato de aprender casado com o ato de ensinar no ato de conhecer” (Freire, 2018: 70). Além disso, sabemos que “o conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer” (Assmann, 1998: 30). Assim, efetivar a educação em círculos culturais é seguir pelo trajeto em que a docência se constrói na relação com os alunos pela via da curiosidade, pela exploração do campo de estudos. Portanto, dizemos que a educação acontece na convivência, no amor como caminho humano do educar.

Considerações finais

O amor como caminho para uma educação em círculos culturais, como propunha Paulo Freire e suas equipes de trabalho, é compreender que a relação essencial dos educandos via escola implica evoluir para uma prática

pedagógica para além das técnicas e métodos educacionais tradicionais. Significa abrir os espaços escolares para a escuta do amor como fenômeno que está em cada ser vivo. Construir caminhos que levem a escola a ser um espaço acolhedor, amoroso, desafiante, não competitivo para vencer o outro, não negador do outro como legítimo outro.

Importa agir com a compreensão de que a emoção que estrutura a coexistência social é o amor, a busca do entendimento autêntico nas ações (Maturana, 2004). O fundamental é que nos constituímos como seres essencialmente relacionais, ora a aventura de aprender ocorre quando há um clima altamente positivo para uma convivência com o outro a partir do espaço ecológico circundante. Ter o amor como a emoção que conduz o processo-chave é romper com a ideia de o aluno como ser passivo e tomar a consciência de que cada discente é um vivente que atua, que aprende nas ações cotidianas, na sua condição de um ser inacabado e curioso.

O maior alimento para a curiosidade humana é o acolhimento amoroso, pronto para o próximo desafio. Em nenhuma circunstância, o ato de educar é uma prática “fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos” possam “ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionarista” (Freire, 1998: 164-165).

A aprendizagem humana não se reduz a um processo meramente mecânico e puramente mental, mas um caminho integrado em que o sujeito é visto como organismo vivo, onde estão os aspectos biológicos e sociais totais. O caminho para a efetivação de uma educação relacional, horizontal, segue o fluxo do amor como fenômeno biológico de cada ser humano. Seguir o caminho do amor é sair das relações de polaridade (que tendem a incluir um e excluir o outro) e entrar no campo da integração humana, do percurso da unidade, entendendo que somos parte do todo e que o todo é constituído das partes que somos nós. Por isso, importa pensar o todo. Cabe dizer que, na nossa condição humana, somos seres filhos do amor.

Portanto, ter o amor como caminho para uma educação em círculos culturais é perceber o espaço do educar como processo de conviver.

Construímo-nos nas relações com os outros a partir da linguagem, que não se dá na prática como um conjunto de regras, mas no fluir em coordenações consensuais de condutas (Maturana, 2009). Para tanto, esse caminho é um processo a ser construído nas práticas diárias, através das nossas conversações e partilhas das coordenações e das coordenações de ações, conforme fundamentou Maturana. Possebon (2019: 226) alerta que “a mudança é lenta, cotidiana e profunda e compreende um movimento afetivo e amoroso [...]”. Podemos mudar como Maturana e Freire, que foram capazes de testar movimentos pedagógicos e científicos capazes de redimensionar a compreensão do amor como uma emoção que está na base de nossas ações e decisões humanamente relevantes e sustentáveis.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1998.

_____. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Educação e mudança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. *Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. *Observação leiga e educação popular: curiosidade e cientificidade pelas vias do paradigma indiciário*. Santa Rita: SEDIC Gráfica e Serviços, 2019.

GONSALVES, Elisa Pereira. Educação Biocêntrica: o legado de Rolando Toro. In: GONSALVES, Elisa Pereira (Org.). *Pesquisa em Educação biocêntrica: descobertas com afeto*. João Pessoa: Libellus Editorial, 2016.

HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: UNESP, 1998.

MATURANA, Humberto R. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

_____. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____. *Emoções na educação e na política*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *A ontologia da realidade*. 2. ed. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.

MORAES, Maria Cândida. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Sintra: Europa-América, 1990.

_____. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *O método 4: O método*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.

PELLANDA, Nize Maria Campos. *Maturana & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. Quando se define a Pedagogia pela Vida. In: SEVERO, José Leonardo Rolin; POSSEBON, Elisa Gonsalves (Orgs.). *Fundamentos e temas em Pedagogia Social e Educação não Escolar*. João Pessoa: UFPB, 2019.